

Conversações televisivas sobre as manifestações de 2013: o ator social emudecido



Antonio Fausto Neto¹

Resumo

Descreve-se processos observacionais – tele jornalísticos e de atores sociais – no contexto da cobertura televisiva das manifestações de junho de 2013. Chama-se atenção para: a) os efeitos que as passeatas de ruas tiveram sobre as coberturas televisivas, privando-as do contato direto com fontes e os atores - protagonistas dos acontecimentos; b) a transformação e redução da metodologia cobertura televisiva em apenas em uma conversação autor-referente, entre jornalistas; e c) o funcionamento parcial de um circuito de contato entre produtores e receptores. Embora assegurado o acesso das mensagens destes últimos ao ambiente dos telejornais, a escuta dos seus relatos não se efetiva, uma vez que o processo interacional proposto pelo dispositivo televisivo não leva em frente a intercambialidade solicitada, esquivando-se das possibilidades de co-enunciações demandadas pelos atores em recepção.

Palavras-chave: Processos Observacionais; Manifestações; Cobertura Televisiva; Contato/Escuta; Enunciação.

Resumen

Se describen procesos observacionales – tele periodísticos y de actores sociales – en el contexto de la cobertura televisiva de las manifestaciones de junio de 2013. Se llama la atención para: a) los efectos que las paseatas callejeras tuvieron sobre las coberturas televisivas, privándolas del contacto directo con fuentes y los actores - protagonistas de los acontecimientos; b) la transformación y reducción de la metodología cobertura televisiva en sólo una conversación autor-referente, entre periodistas; y c) el funcionamiento parcial de un circuito de contacto entre productores y receptores. Aunque asegurado el acceso de los mensajes de estos últimos al ambiente de los telediarios, la escucha de sus relatos no se efectiva, una vez que el proceso de interacción propuesto por el dispositivo televisivo no sigue adelante a la intercambiabilidad solicitada, esquivándose de las posibilidades de co-enunciaciones demandadas por los actores en recepción.

Palabras clave: Procesos Observacionales; Manifestaciones; Cobertura Televisiva; Contacto/Escucha; Enunciación.

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1972), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977), doutor em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ - RJ (1990).

Abstract

This study describes observational processes – telejournalistic and of social actors – in the context of the television coverage of protests in June 2013 in Brazil. It draws attention to: a) the effects that the street demonstrations had on the television coverage, depriving them from direct contact with sources and actors - protagonists of the events; b) the transformation and reduction of the methodology in the television coverage into only a self-referential conversation, among journalists; and c) the partial operation of a contact circuit between producers and recipients. Even though the access of the messages from the latter to the environment of TV news is secured, the listening to their stories is not effective, since the interactional process proposed by the television device does not take the requested interchangeability forward, evading the possibilities of co-enunciations required by the actors in reception.

Keywords: observational processes; protests; television coverage; contact/listening; enunciation

1 Nota Introdutória

O acontecimento no contexto da sociedade em vias de midiaticização, seja no seu engendramento ou no seu processo de circulação, envolve múltiplas e complexas transações de agendas. Particularmente, aquelas nas quais produtores e receptores se situam em torno de articulações, mesmo que as operações enunciativas que ali se manifestam não assegurem a intercambialidade discursiva entre referidas instâncias. De um modo distante aos estudos sobre recepção que ratificam angulações sobre as disjunções entre tais instâncias, a reflexão que aqui se faz propõe mostrar uma outra exclusão: a que a instância receptiva é submetida pela TV, não obstante uma intercambialidade anunciada entre ela e os atores sociais, no corpo do próprio acontecimento, contrariando o “contrato de leitura” proposto pelo sistema midiático. A partir da análise de fragmentos discursivos da emissão do JN do dia 20 de junho de 2013, relacionada com a cobertura das manifestações de ruas, refletimos sobre algumas operações enunciativas do telejornal que excluem a presença discursiva dos atores sociais enquanto seu co-enunciador. Milhares de pessoas que, ao se constituir em torno de uma “aglomeração momentânea”, saíram pelas ruas empunhando a enunciação de uma gigantesca pauta coletiva que se materializou em diversas manifestações deste “corpo significante”, e que se visualizou, especialmente, no mar de cartazes empunhados. Se os atores assumem as ruas o fazem através de estratégias cujas lógicas não os situou no âmbito da performance de um desfile, mas numa outra em que imprimiram uma exposição não convergente com as lógicas e as expectativas de captura do acontecimento, operadas pelas metodologias midiáticas. As observações que aqui se faz, se detêm sobre o trabalho enunciativo de uma emissão do JN e mostra que, a despeito das vozes das ruas despontarem pela

centralidade de suas enunciações e ressonâncias, não foram captadas e nem tiveram acesso aos dispositivos televisivos. Os sentidos por elas engendradas não puderam circular nos circuitos tele-midiáticos. Estes, denegaram sua condição mediadora e, no lugar da circulação das vozes, fizeram emergir a conversação entre pares, que se fez em ato à margem de palavras que passaram pela avenida. Vozes outras falam na manifestação, produzindo outro acontecimento, as impressões autorreferentes dos próprios jornalistas.

2 A interrupção do “caravana” e o retorno à bancada

O ato, de William Bonner, de seguir os acontecimentos, inaugurado já faz algum tempo na Caravana do JN (Fausto Neto, 2011), foi interrompido por causa de um outro acontecimento. Em boletim emitido às 21h34, de 18 de junho de 2013 o UOL Esporte, anunciava: “Protestos fazem Bonner ‘abandonar’ seleção brasileira e voltar à bancada do Jornal Nacional”. O deslocamento do telejornal e do seu principal âncora para seguir acontecimentos em locais nos quais transcorriam, segundo agendas prévias da TV ou de outros campos sociais – se via obrigado a uma súbita interrupção. E as causas resultam da eclosão de acontecimentos. Outros imprevistos em torno dos quais o dispositivo televisivo e seus enunciadores não poderiam ficar à deriva, conforme ainda a nota do UOL: “as manifestações que aconteceram pelo Brasil na última segunda-feira fizeram com que William Bonner, apresentador do Jornal Nacional, voltasse para a bancada do telejornal da Rede Globo. Em comunicado oficial o jornalista explicou o motivo de ter “abandonado” a seleção brasileira em Fortaleza:

Nos últimos dias, eu estive acompanhando a seleção brasileira na Copa das Confederações. Aliás, como foi planejado com quase dois anos de antecedência. Mas, à medida que as manifestações de protesto foram se espalhando, foram crescendo pelo Brasil, automaticamente elas foram cada vez mais ocupando o noticiário do Jornal Nacional. É verdade que, mesmo à distância, eu e os colegas da redação do Jornal Nacional temos total condição de trabalhar juntos, com ajuda da tecnologia. Mas depois dos acontecimentos de ontem, eu preferi voltar para cá e participar mais de perto desta cobertura. (UOL Esporte, 18.06.2013- 21h54m).

Este registro contém sintomas da turbulência que envolve o funcionamento dos dispositivos observacionais televisivos, provocada pela complexidade que marca os processos de produção e de circulação de acontecimentos no contexto da sociedade em vias de midiatização. O deslocamento do sistema produtivo tele-informativo, junto com o seu âncora, para seguir o acontecimento esportivo, sinaliza para as mutações que se impõem aos processos de noticiabilidade. As manifestações de ruas valorizam, mas de uma outra forma, a centralidade da ambiência do telejornal como lugar de produção dos processos observacionais jornalísticos sobre os acontecimentos que tomaram conta do Brasil, em junho de 2013, as formas de contatos

com fontes, bem como os atores sociais, enquanto protagonistas. As metodologias que caracterizam a gestão dos acontecimentos de 2013, deixaram os métodos de apuração jornalística e os processos de inteligibilidade à deriva de suas dinâmicas. Algo se passa em âmbitos externos às fronteiras da “realidade midiática” deixando-a refém de outras narratividades que interfeririam nos seus processos e lógicas produtivas. A soberania das regras jornalísticas para definir o status da notícia (Darnton, 1999), a singularidade da vocação do dispositivo (jornalístico) para preparar o sentido (Mouillaud, 2013) e os meios como referência central para sabermos o que se passa na sociedade (Luhmann, 2005), são axiomas questionados pela “mecânica das manifestações”, circunstâncias nas quais os atores deixam de ser apenas fontes ou objeto de operações enunciativas que operariam segundo lógicas dos dispositivos midiáticos. Conforme nos propomos mostrar, o anunciado retorno do âncora e do seu dispositivo tele informativo, para o centro das ações, não se efetiva segundo as lógicas da “centralidade dos meios”. Sua condição de operador protagônico se vê enfraquecida por uma nova “arquitetura comunicacional” na qual a gênese e os processos de “fabricação dos acontecimentos” passam a depender de transações muito mais complexas do que simplesmente, as intervenções do jornalismo e seus atores, enquanto um sistema hegemônico de operação e de observação da realidade. Especificamente, passam a depender em larga escala dos próprios atores sociais.

De uma perspectiva mais clássica, o acontecimento resultava das convenções e rotinas jornalísticas, da natureza dos dispositivos acionados e pelo campo jornalístico, dotado de autonomia e competências com as quais manejava o processo observacional e de construção do acontecimento. Este, conforme observações mais clássicas, resultaria de convenções de técnicas e de luzes, sendo que os processos enunciativos de seus produtores permaneceriam na penumbra de um camarim... Já, há quase quarenta anos, confirmava-se a compreensão que se tinha sobre a atividade atorial dos meios de comunicação jornalísticos: “nas nossas sociedades contemporâneas é através deles [dos mass medias], e só através deles, que o acontecimento nos toca [...]”. (Nora 1974: 245; 246; 252).

3 Mutações

Ao longo dos anos, a natureza desta mediação sócio-técnica-discursiva sofre complexas mutações. Outrora, o acontecimento estava preso às “regras privadas” da racionalidade e do instrumental jornalísticos. A validação das mesmas não se tratava apenas de algo observado nas rotinas produtivas, mas também nos produtos, como os manuais de redação nos quais eram lembrados os fundamentos do trabalho de produção da realidade. Também em livros nos quais se anunciavam a pedagogia autorreferente sobre os “modos de fazer” da construção de inteligibilidades: “o livro serve para mostrar quais são os critérios que aplicamos para selecionar os assuntos publicados no JN, como tentamos organizar esses assuntos e porque organizá-los”².

² William Bonner lança “Jornal Nacional - Modo de fazer”, Plantão O Globo, publicado em 03/09/2009, 16h25, disponível em: <http://oglobo.globo.com/revista-da-tv/wiliam-bonner-lanca-jornal-nacionalmodo-de-fazer-3213163>, acesso em 08/10/2009.

Dentre algumas mutações, os acontecimentos escapam as rotinas e os processos regulatórios dos métodos de então, que definiam a temporalidade e as condições nas quais eles circulariam. Os acontecimentos seguem outras processualidades impostas pelo funcionamento dos campos sociais diversos, suas lógicas e atores, mesmo que seus processos de produção sejam afetados também por lógicas midiáticas. Nestas condições, é preciso segui-los, como atesta a metodologia do “Caravana do JN” a qual tira o acontecimento das fronteiras das redações e da racionalidade do seu planejamento, e o instala na ambiência social, com o repórter – até então testemunhador – transformado em uma espécie de “corpo-significante” que atoriza por um outro trabalho de enunciação, a epifania do acontecimento. Tal modelo se mostra, em dois momentos específicos, em tempos mais recentes: no primeiro, em junho de 2013, desloca o sistema produtivo do telejornal e seu principal operador – o âncora – para a cena do próprio acontecimento. Sai de sua sede geográfica e segue a seleção brasileira de futebol para cobrir a sua participação na Copa das Confederações, em Fortaleza. Tal deslocamento está revestido de uma complexa operação que visa de uma outra forma tirar a “bancada” do JN de sua base para, sob as operações enunciativas capitaneadas pelo âncora, situá-la contiguamente, no próprio território do evento previsto pelo campo esportivo. Ali, se promete a geração do contato em uma circunstância na qual o âncora não será o relator do acontecimento, mas um dos seus próprios personagens. No segundo momento, diferentemente da lógica que impulsionou o primeiro, o dispositivo televisivo e seu enunciativo temem ficar à deriva de outro acontecimento, que irrompe fora das agendas – as manifestações de rua. E, num gesto “premonitório”, abandona com a sua presença a cobertura do torneio esportivo, no qual operaria como produtor de sua tele-visibilidade, para, não apenas seguir outro, mas impor ao mesmo os processos sobre os quais enunciaria o trabalho de sua inteligibilidade.

Acontece que as condições de produção e de circulação das manifestações de rua, foram acontecimentos gerados pelos atores sociais equidistantes das estruturas e metodologia dos campos sociais – políticos, seguranças, etc –, cujas lógicas e dinâmicas passam também à margem dos “enquadres” e metodologias midiáticas. Os acontecimentos empunhados pelos atores sociais põem risco a vocação mediadora das mídias jornalísticas e, principalmente, o trabalho de “elo de contato” do qual os jornalistas são os seus principais operadores. As manifestações escapam às suas mãos porque são tecidas à margem de lógicas e de parâmetros sobre os quais as mídias sempre apoiaram os processos de conversão dos acontecimentos em notícias. Segundo as lógicas midiáticas, permeadas pelos valores notícias – enquanto regras privadas de cada sistema de informação – não poderia o acontecimento escapar ao foco das mídias e de sua atividade referenciadora. Mas, a ausência de fontes e de porta-vozes, que desapareceram sob milhares de mensagens empilhadas em cartazes, de diferentes naturezas, geram o que poderia se chamar de “desamparo informativo”, algo que faria desaparecer as possibilidades de produção da referência. Esta espécie de desamparo sintomatiza a crise do contato caracterizada pela inexistência dos atores e suas referências, dimen-

são que poderia acionar os mediadores-jornalistas e a sua atividade de relato/referência sobre as manifestações e seus destinos. Os presságios desta possibilidade se instalam, na topografia e geografia telejornalística, levam o âncora a dar um passo atrás, ao se desinstalar do “acontecimento-programado” para seguir o acontecimento em circulação o qual, conforme veremos, o sistema televisivo não pode dar conta de sua anuncialidade, segundo regras pré-convenções. Se o processo da circulação havia levado o corpo-significante do âncora e suas operações para os circuitos do acontecimento esportivo, lhe obriga também a retroagir do impulso da tecno-mobilidade (a bancada móvel do JN). Assim como a mergulhar na reconquista de uma outra atividade protagônica, a de enquadrar o pulsar narrativo das manifestações em um processo de “pilotagem” a ser por ele coordenado, mas reencontrando-se com a bancada fixa do telejornal. Suas próprias palavras ressaltam motivação para exercer a centralidade neste processo observacional a de “participar mais de perto” das manifestações de rua, recompondo a singularidade e proeminência da “estrutura de contato” televisiva. Desta feita, esta seria gerada pelo trabalho observacional e enunciativo da tele-informação, como instância na qual manifestações, enquanto acontecimento, não apenas deveriam passar, mas ser reconhecidas como uma das condições de produção da sua existência.

4 Retorno fracassado?

Mas o retorno à bancada não restabelece a função estratégica pleiteada pelo âncora. Outras metodologias conduzem as manifestações de rua em fluxos e circuitos imprevistos, deixando a meio caminho os “modos de fazer” da cobertura tele midiática. A “crise do contato” é instaurada não apenas por que as lógicas das manifestações tiram de cena a existência de atores que poderiam ser convertidos/ou reconhecidos como fontes, ou objetos de coberturas. Também, pelo fato de faltar aos procedimentos metodológicos de apuração jornalística instrumentos que pudessem cobrir acontecimentos massivos que se organizam segundo lógicas muito distantes de acontecimentos pré-agendados, nos quais, muitas vezes, o trabalho jornalístico opera apenas como um coadjuvante ou, mesmo, como seu principal correferenciador. Na ausência dos processos de recuperação dos discursos, de falas e vozes que ali proliferam equidistantes ou indiferentes a enunciações pré-categorizadas, a enunciação televisiva, para não ficar emudecida pela falta de contato ou à deriva de ressonâncias enunciativas que não pode ou não quis captar, produz na esfera da bancada outro acontecimento: a conversão do ato tele jornalístico em uma conversação interpares. Transforma o pulsar e impressões das manifestações em matéria-prima de um outro circuito enunciativo. Este, integrado por jornalistas espalhados em diversas cidades e regulado pela centralidade da figura do âncora, que organiza fluxo de impressões e de relatos que se organizam de um modo autorreferencial, sob as expensas dos atores sociais que, mantidos a distância, não têm nenhuma de suas manifes-

tações ingressada neste circuito. Restaram apenas como nomeações semanlizadoras dos jornalistas, enquanto vários tipos de coletivos: manifestantes, vândalos, grupos radicais. Ou de modo mais distante, ingressaram sob certas condições nos circuitos da “zona de contato” envolvendo TV x receptor para ali, depositar seus comentários, sem que de tal gesto tenha resultado algum tipo efetivo de intercambialidade entre eles e jornalistas.

³ Informações transmitidas por Wiliam Bonner no Jornal Nacional no dia 20 de junho de 2013.

5 Marcas de Reconhecimento

Ao assumir seu posto na bancada do JN, numa noite na qual manifestações de rua se espalham, o jornalista apresentador anuncia na abertura da emissão que o dispositivo noticioso está à deriva de uma dinâmica manifestação, impedindo o telejornal de ser enunciado segundo as diretrizes sobre as quais foi concebido:

A gente estava produzindo (...) o Jornal Nacional, mas a verdade é que o que está acontecendo é que as notícias estão transcorrendo sucessivamente e a essa altura já não faz muito sentido, a gente planejar uma edição do JN porque os fatos estão acontecendo. O que nós estamos fazendo aqui já é um Jornal Nacional que já está transcorrendo ao sabor dos acontecimentos que estão se desdobrando à frente da tela. Ainda a pouco, você [o âncora se reporta à co-apresentadora do JN Patrícia Poeta] fazia referência a essa cena lamentável de um carro de uma emissora de TV sendo queimada. (...) o que mais triste é que o trabalho da imprensa é para dar voz as reivindicações de todos os manifestantes (informação verbal, gritos nossos)³.

O relato do âncora confessa que a edição planejada do telejornal perdera sentido, o mesmo ocorrendo com os registros nos quais testemunhalizava a ocorrência e exibição de acontecimentos, que se engendram à revelia do processo produtivo televisivo. A vocação mediadora da TV sofre duas perdas: de um lado, o poder de anunciar e mostrar os acontecimentos segundo os “modos de fazer” de suas rotinas, e de outro, sua tarefa gestora de contato parece não captar e deter o fluxo das manifestações que se engendra segundo outras metodologias que se apoiam em outros “regimes de produção”, e que tem como base dispositivos de enunciação que escapam a sua lógica. O relato do âncora enfatiza ainda que um ângulo de uma “política co-enunciativa” a ser seguida pelo telejornal, não pode por ele efetivada: promete dar voz aos atores sociais, mas os mantêm, em uma linha de corte, no outro lado da rua na qual se passa a conversação interpares. Cabe aqui, fazer lembrar a relação da mídia com outros acontecimentos de rua, nas manifestações de maio de 1968, na França, e compará-la com aquelas que sucedem no Brasil em junho de 2013. Se aqui, as multidões mantêm uma indiferença-flutuante face à TV, e esta não pode dar conta de capturar as lógicas sobre as quais sua dinâmica se desenrolam, lá as marchas se realizam com as pessoas afetadas pela presença de “dispositivos de contatos”, como os radinhos de pilhas colados ao ouvido. Ouviam a transmissão das rádios não estatais, preferindo-as

em relação as estações oficiais que, de sua parte, ficavam silenciadas ou transmitiam as manifestações como se estivessem relatando uma partida de futebol, ou uma competição de turfe. Se aqui, o telejornal perseguiu a monitoração de suas políticas editoriais, lá os meios estavam, de alguma forma, no interior do acontecimento desenvolvendo outra mediação, na condição de “guia-orientador” sobre o desenrolar das marchas. Ou ainda, conforme relembra Roland Barthes:

a palavra radiofônica (...) ficou colada ao acontecimento à medida que ia se produzindo, de maneira ofegante, dramática, a impor a ideia de que o conhecimento da atualidade passa a não estar mais a cargo do impresso, mas sim da palavra oral. A palavra informativa [do repórter] foi tão estreitamente misturada com o acontecimento. Com a opacidade mesma do seu presente (...) que ela era o seu sentido imediato e consubstancial, a sua maneira de aceder a um inteligível instantâneo. (...) Não apenas a palavra radiofônica informava os participantes sobre o prolongamento da sua ação (...) de sorte que o transistor se torna no apêndice corporal, a prótese auditiva, o novo órgão de ficção científica de certos manifestantes, mas também, por compressão do tempo, a repercussão imediata do ato, ela inflétia, modificava o acontecimento, escrevia-o (...). (Barthes 1988: 166, 167).

No Brasil, a impossibilidade da TV capturar as manifestações direta e presencialmente, segundo os recursos ofertados pelas lógicas de midiaticização – conjugando “ao vivo” com a testemunhalidade do repórter e de imagens – faz com que ela siga o acontecimento segundo um outro “regime de contato” que se caracteriza por um engate entre repórteres e imagens. Ao invés de uma ação que aliasse a testemunhalidade jornalística e das imagens com própria voz dos manifestantes – enquanto um ator que, nas ruas, produziria o co-relato das manifestações – profere-se, predominantemente, falas que não são as dos atores. No lugar destas, instala-se outro tipo de enunciação, com o dispositivo JN travando outra relação com o objeto. Em sua conversação, os jornalistas alegam que a lógica do ir adiante dos manifestantes não comporta a presença deles e dos seus dispositivos. A natureza do circuito de contato proposta pela mídia jornalística, segundo seus valores-notícias, é questionada, sob várias formas de tensões. Segundo seus próprios registros, interroga-se sobre o status do lugar de produção da referência ao não ser reconhecida como instância de mediação. Instalados em “postos de observação” no qual guardam distância dos manifestantes, os jornalistas se tornam numa espécie de comentadores das imagens, ou de relatos que lhes chegam por suas fontes, seguindo-as até onde lhes é possível levar para efetivar sua condição mediadora. A estrutura conversacional produz uma outra ambiência de interação que altera a arquitetura da mediação clássica: acontecimento > relato do espaço midiático > sociedade. No seu lugar, institui: estrutura mediadora, constituída por âncoras e jornalistas > as manifestações > produção de relatos > sociedade. Tal dinâmica assegura a TV, de um modo peculiar, estar no coração das manifestações, segundo um “modo de dizer” que fustiga largamente a soberania do sistema midiático para produzir a notícia,

segundo o clássico ponto de vista “notícia, tudo o que couber a gente publica”, conforme lembra a obra de Darnton, aqui citada anteriormente. Tal condição é contrariada, uma vez que não são as clássicas regras do sistema de codificação jornalística que norteiam a produção da inteligibilidade sobre as manifestações. Assim, constrangido pela natureza do desenrolar daquelas – ao ser permeado por novas lógicas dos processos de midiatização do qual se utilizam também os atores em manifestação – o relato televisivo fica à deriva de outros processos de produção e impedido em larga medida, de enquadrar o acontecimento conforme bem atestam relatos do âncora, e segundo ainda, o “espelho” de edição prefiguraria a sua existência. O dispositivo continua preparando sentidos, mas desta feita segundo outra “analítica” cujas algumas operações e suas marcas são trazidas nas páginas que seguem.

6 A “gramática” alternativa

O “dar voz às reivindicações dos manifestantes” não é uma promessa cumprida pela vocação mediadora do trabalho midiático. O que perceberemos são várias operações coordenadas principalmente por William Bonner que dá voz, mas aos seus colegas de transmissão. Sinaliza a especificidade do momento no qual trazem à cena do telejornal, relatando outras cenas que são por eles observadas e comentadas para os expectadores. “No Rio de Janeiro nós temos o Paulo Renato Soares com informações da manifestação naquele momento”. Dialoga com repórteres em tempo real lembrando o colega de algo que não pode lhe escapar: “Tem fogo ali, Ari (...)”. Seu passeio prossegue e as marcas do seu deslocamento são enunciadas por ele mesmo: “Agora a gente sai da capital para o Estado de São Paulo à Campinas (...) quem fala de lá é Ana Paula Pinheiro (...)”. Circula pelo país: “tensão em frente à Prefeitura, se viu em Belém agora a pouco. Vamos voltar para lá (...) quem traz as informações é o repórter Fabiano Vilela (...)”. Segue para outro ponto: “Vamos agora então ao Rio de Janeiro com a repórter Lilian Peres (...)”. O âncora anuncia que vai atravessar o país: “Vamos agora para o Nordeste brasileiro, o repórter Alessandro Torres fala ao vivo de Fortaleza (...)”. Acompanha as ações dos repórteres para além da referência geográfica, mais exatamente em ambientes específicos nos quais estariam apostos cobrindo as manifestações: “Você [Vladimir Neto] tem mais informações para gente? O que é possível ver daí de cima?”. Antecipa-se a entrada de uma repórter e, em tom categórico, anuncia a intervenção de sua presença no circuito: “Rita Yoshimini tem informações ao vivo de Brasília”. Segue e busca o colega repórter em todas as ações, talvez, preferencialmente aquele que se encontra em circunstância especial, e portanto, inesperada: “Vladimir, agora fala do Globo Cop. Vladimir como é que tá por aí?” Antecipa, para a outra âncora do JN, a próxima intervenção ao ser feita por outra: “Nós vamos agora, Patrícia, nós estamos com a repórter Renata Ribeiro pronta para trazer informações”.

William Bonner opera como um pivô orquestrando a distribuição da palavra e a sua circulação adiante. Inclusive, uma marca que reconhece o seu

status de gestor e daquele que faz a distribuição da palavra, se manifesta na indagação de um jornalista, quando o interroga: “a gente vai conversar com quem agora Bonner?” Porém, tal interrogação poderia ser lida também através de outra construção. No eventual vazio de contato com os atores-fontes das manifestações, o repórter estaria lembrando que, diante da ausência no circuito enunciativo das palavras dos manifestantes, se o destino do circuito não deveria contemplar esta voz? A quem devemos nos dirigir, para além do universo dos jornalistas integrantes da conversação?

Mas o circuito cerca adiante, e a manutenção da “maquinaria-conversacional” é alimentada pelas falas de jornalistas que descrevem as ações que se passam sob seus olhos ou seus ouvidos. Ao entrarem em contato com a bancada do telejornal enfatizam sempre indícios de lugar e de tempo, que caracterizaram suas relações com a transmissão. Ressaltam, sempre em uma temporalidade do “aqui agora”, a proeminência desta estratégia narrativa: “agora a gente também tá vendo um táxi, mas havia outros carros aqui”. Também anunciam e descrevem as ações que estão sendo feitas em tempo real, e por eles postas em execução: “Bonner nós falamos aqui, da Esplanada dos Ministérios, e a gente vai mostrar agora uma imagem que a gente não queira mostrar (...)”. Convidam o âncora a ver o que mostram e situações para as quais chamam atenção, transformando-o em um leitor privilegiado:

Você vê que a coisa, toda essa confusão tá acontecendo exatamente neste ponto à esquerda do congresso. (...). Aí está a imagem das pessoas. É, olha só o corre-corre. (...) olha só, abriram imensos claros no gramado em frente ao gramado do Congresso Nacional (...) A Tropa de Choque acaba de chegar aqui na prefeitura de Campinas (...) Bonner, agora a pouco, as tropas de choque da PM e da Guarda Municipal conseguiram isolar o palácio Antônio Lemos que é a sede da Prefeitura de Belém. (...) aqui no ponto final da manifestação, o prefeito de Belém desceu para tentar negociar com alguns manifestantes (...). Bonner, agora a Tropa de Choque recuou um pouco, os manifestantes se ajoelharam aqui em frente a Tropa de Choque, negociando, pedindo paz, dizendo que a manifestação é uma manifestação pela paz também (...) (informação verbal)⁴.

Impressões pessoais dos repórteres são compartilhadas em primeira mão com o âncora, pois se dirigem em primeiro lugar a esta instância que centraliza o funcionamento da atividade interacional “é isso Bonner, nós estamos aqui (...), eu não senti cheiro de gás lacrimogêneo como a Rita (...)” que, de sua parte, anuncia que as imagens e impressões enunciadas estão sendo transmitidas: “essa é uma movimentação que se viu hoje em diversas cidades brasileiras, em todas as capitais, aqui na tela da Globo (...)”. Junto a Bonner, numa espécie de “prestação de contas”, são compartilhadas várias missões dos repórteres, especialmente aquelas que visam, certamente, justificar a performance do seu “trabalho de campo”. “É isso assim Bonner, nós estamos aqui e agora a pouco nós conseguimos registrar uma imagem que mostra exatamente aquela dúvida que a gente tinha, o que estava sendo usado para aquelas fogueiras (...). Prosseguem: “Eu falo aqui no Palácio do Planalto que está completamente cercado por grades e homens do Batalhão da Guarda Presidencial.

⁴ Informações transmitidas por Wiliam Bonner no Jornal Nacional no dia 20 de junho de 2013.

A gente vai mostrar toda a preparação deles para agir preventivamente (...)”. Além de fazer relato das ações, opinam sobre o que percebem, nomeando os personagens que os envolvem: “Bonner infelizmente são atos de vandalismo que estão sendo cometidos aqui no terreirão do Samba”. Dirigem-se, possivelmente, a duas instâncias: em termos mais imediatos com o sistema em rede – jornalistas –, e também – possivelmente – com os expectadores a distância:

Daqui de onde estou eu não vejo policiais, a sensação é que as pessoas tentam entrar, olha, observem estão jogando agora um objeto e a gente vê as pessoas entrando e saindo, eu não sei se ali tem um saguão, uma porta, alguma coisa (...). Não dá para ter certeza agora, Patrícia. (...) Nesse momento, olha lá, os policiais que estão dentro do Palácio do Itamaraty conseguem impedir que esse fogo se alastre e aparentemente conter esse incêndio (...) (informações verbais)⁵.

O trabalho do apresentador legitima a performance dos seus colegas no sentido de mostrá-los presentes em todas as ações. Porém, em nenhum momento são captadas vozes dos manifestantes, descumprindo a promessa mediadora a que se propõe o JN, conforme declarações dos seus âncoras, ressaltada mais acima. No máximo, o que conseguem pôr no circuito da transmissão – e sempre mediado pela conversação que se trava entre os jornalistas, além de imagens de fogueiras e de ações dos manifestantes – são alguns sons locais que emanam das manifestações, como por exemplo o das bombas. E como prova de que eles estão ali, chamam explicitamente atenção do que ocorre, inclusive de possíveis diálogos com colegas de transmissão: “eu vou pedir para recuperarem as imagens de agora a pouco, vamos ver se a gente consegue mostrar a imagem de umas bombas estourando aí, são as imagens, essas bombas estavam dentro do Espelho D’água”. Mais do que isso, informam que “outra câmera consegue mostrar [agora um barulho forte] a gente não consegue identificar se de uma bomba de efeito moral ou se um rojão de manifestante, as pessoas gritam, então é um momento de tensão”.

Os co-apresentadores do JN, especialmente William Bonner, desempenham também uma função analisadora, além daquelas operações pelas quais coordenam as intervenções dos jornalistas-repórteres presentes:

A gente tem visto imagens ao longo de toda a transmissão que a Patrícia Poeta vem acompanhando nas últimas horas. Imagens de violência. A gente sabe que a orientação original dessas manifestações todas é pacífica. Esse é o objetivo dessas manifestações. Mas é fato que em todas essas manifestações, em quase todas, quando acontece um ato de violência, ele se dá porque há grupos infiltrados ali e gente que tá ali para fazer bagunça, para tumultuar, faz exatamente com esse princípio, então não adianta, não é possível misturar as coisas, mas é nossa obrigação também denunciar essas pessoas que tão ali atrapalhando uma manifestação de pessoas cuja inspiração é pacífica e absolutamente legítima (informações verbais)⁶.

Aprofundam ponto de vista sobre um certo segmento dos manifestantes segundo o tom de uma enunciação de caráter explicativo e, ao mesmo tem-

⁵ Informações transmitidas no Jornal Nacional no dia 20 de junho de 2013.

⁶ Informações transmitidas por William Bonner no Jornal Nacional no dia 20 de junho de 2013.

po avaliativo: “é preciso ressaltar que essas pessoas que estão agindo dessa maneira, elas não estão representando aquela multidão que ocupou pacificamente ali a área do Congresso Nacional. É a tal história, de novo, é um grupo muito menor que a multidão, agindo de maneira perigosa”. E, além disso, justificam, numa operação autorreferente, as razões desta leitura que fazem das manifestações.

7 Dissensos

Neste circuito, os atores sociais, quais quer que sejam suas matizes, identidades, situacionalidades, etc não tem voz na medida em que são enquadrados apenas, como um corpo a parte, dos quais se enfatiza suas ações, de tal forma que a enunciação jornalística economizaria e prescindiria da “captura” de suas palavras. Porém, em um outro território, a “zona de contato” que é criada pelo próprio dispositivo midiático para que nela sejam depositados seus comentários. Ali, se realiza um acesso protocolar onde se assegura que as palavras dos atores sociais entrem no circuito, sob certas condições. São reações dos atores que acompanham o tele jornal, de um outro posto de observação, do qual emitem suas opiniões. Mas disso não resulta nenhuma intercambialidade com as enunciações dos sistemas jornalísticos e as dos expectadores.

Num outro contexto de espaço temporalidade, o da *fan page* do Jornal Nacional no *Facebook*, os atores sociais acompanhando a emissão televisiva da conversação, efetuam um ingresso de mensagens. Emitem opiniões sobre a natureza da cobertura, em tempo contíguo à sua realização, pois as mesmas são endereçadas em circunstâncias de proximidade com o desenrolar do JN, numa indicação de que seguem, na paisagem da circulação, o dispositivo televisivo. E lançam mão de várias lógicas sobre as quais fazem repousar seus comentários equidistantes das lógicas das próprias operações enunciativas do sistema produtivo jornalístico. Formulam críticas com que atestam conhecer as lógicas que regem os processos de produção da telenoticiabilidade usados para transmitir as manifestações. “Cadê o resto do Brasil. Esta edição tá meio coisa de ruim. Nossa, vocês transmitem as mesmas coisas, sendo a Rede Globo uma rede informativa, ou que deveria ser, deveria se ligar que vocês mesmos estão dizendo que a população acordou, mas não tiram a máscara para perceber que não é todo mundo que assiste a esta emissora que é ignorante. O que esperamos de vocês é informação completa e não partida” (Clarice Socares, 20.6.2013, 20h5). Emitem críticas sobre a qualidade programação informativa e o desenrolar no contexto do cotidiano de trabalho: “A tv já não presta (...) e ainda a gente chega em casa pra assistir uma tv e se distrair um pouco depois de um dia de trabalho e é obrigado a ficar vendo esta palhaçada de protesto!” (John Andrade, 22h03). Distinguem as características dos manifestantes que não poderiam ter sido definidas, segundo apenas, por uma designação semântica usada pelo tratamento midiático: “A mídia tem que entender que existem 3 tipos de

pessoas envolvidas do lado de cá da história: os manifestantes, os manifestantes radicais que quebram as coisas em revolta e os bandidos, que roubam lojas e que nada mais são do que assaltantes e não deveriam estar nem no jornal junto as notícias das manifestações. A Globo quer por quer associar estes últimos aos protestos para tirar a credibilidade dos manifestantes (...)" (Iuri Simões, 21.6.2013, 17h46). Monitoram declarações do âncora, corrigindo informações dadas por estes: "Bonner se esqueceu de colocar na reportagem que a bomba veio da Polícia (...)" (Rodolfo, 21.07.2013, 21h06). Pedem ampliação da cobertura retirando-a do eixo Rio-São Paulo: "que tal vocês darem destaque também aos protestos pacíficos do Nordeste?" (Joice Alves, 21hs34 – 21-06). "Recife está pegando fogo e Patrícia fica Rio, SP e Brasília". (Danielle Nurse, 20.06.2013, 18h19). A programação de modo geral é também criticada: "Tenho vergonha da nudez nos programas da Rede Globo, dos maus tratos ao negro que nas novelas só é escracho ou bandidos, empregados isso tem nome de racismo... Parem de manipular estamos pedindo com educação, depois vão reclamar com os vândalos (...) estamos cansados de mentiras passem a reportagem correta". (Rosilaine Alves Moraes, 20.06.2013, 21h32). A defesa da noticiabilidade também é feita através da lógica que compara competências e as separa entre especialistas e leigos: "tem gente que não entende nada da vida e nem de jornalismo e notícia, e quer criticar quem está trabalhando... engraçado né?" (Rita de Cássia, 21.06.2013, 21h56). Observações sobre o desempenho do próprio âncora também são manifestadas dentre as mensagens depositadas: "William Bonner, que feio?" (Luciana Paula Cade, 21.06.2013, 21h58)⁷. Possivelmente, se situe numa outra temporalidade, a resposta que os atores sociais estariam produzindo à pergunta que foi dirigida pelo jornalista ao âncora ("Bonner com quem a gente vai conversar agora?") e que não foi por este respondida. Vem do expectador a reprimenda à atitude do âncora e daquele também um destino que o dispositivo televisivo deveria dar a estas palavras que foram deslocadas do circuito pela conversação entre pares.

⁷ As mensagens transcritas aqui são de postagens feitas na fan page do JN entre os dias 20 e 21 de junho de 2013.

Notas em Conclusão

A cobertura midiática sobre as manifestações de rua de 2013, suscita vários ângulos de reflexões. Alguns, chamaram atenção para certo paradoxo: se, de um lado, as manifestações foram geradas segundo alguns fundamentos e lógicas comunicacionais – ensejados pela presença de tecnologias convertidos em meios –, por outro observou-se, segundo ângulos aqui ressaltados, a própria confissão televisiva em não se sentir equipada para gerar a cobertura de eventos que são tecidos para além de suas rotinas e metodologias. Porém, ao lado da confissão desta impossibilidade, observamos também que, de certa forma, o sistema midiático impôs seus procedimentos como as referências dominantes através das quais procurou semantizar o que se passava no coração das ruas. Desta feita,

ao invés de capturá-las em consonância com suas próprias dinâmicas, ouvindo a fala testemunhadora dos atores sociais, estabeleceu uma outra instância de mediação. Esta foi descrita pelas operações que constituíram a conversação que os jornalistas desenvolveram, segundo algumas marcas aqui analisadas. O acontecimento girou e resultou de uma complexa operação de autorreferência do próprio dispositivo televisivo e de alusões heterorreferentes através de envios e reenvios discursivos que foram alimentados por um sistema de enunciação de interpares. Observamos que a cobertura de algum modo foi refém da dinâmica através da qual a multidão imprimia ao acontecimento. O *scrip* cadenciado da conversação esteve mais a serviço de seguir os passos das operações de “enquadres” propostos por princípios editoriais da maquinaria televisiva, do que necessariamente, captar o que se passava na mente e coração das multidões. Esta foi mostrada e semantizada, segundo um vasto leque nomeador ou, batizada impessoalmente, como manifestantes. Em algum momento, um jornalista pergunta em tempo real ao editor: “Com quem a gente vai conversar agora, Bonner?” Interrogação que ficou sem resposta, pois a escolha em seguir o acontecimento, feita pela lógica autorreferencial do telejornal não incluía, certamente, a palavra do “homem ordinário”. Mesmo que as massas tenham levado o acontecimento adiante, suas gramáticas nada poderiam sobrepujar-se à “expertise” (técnica-narrativa) televisiva. Mas é possível também admitir que a pergunta reunisse a existência de outro interlocutor: a quem (ainda) devemos nomear nesta narratividade que não pôde transformar/acolher a escuta/observação em palavras dos seus próprios enunciadores? Num outro espaço do dispositivo televisivo – o dos comentários – deu-se lugar a fala dos atores, na circunstância de expectadores do jornal. Mas este dispositivo não gerou – além do depósito de mensagens – nenhuma intercambialidade (para além de sua dimensão mercadológica) da qual resultasse a compreensão de sentidos outros sobre a cobertura das manifestações. Como dar um passo adiante ao acesso e ao depósito de mensagens? O que fazer com estas palavras? Certamente, o expectador tem uma resposta e que vai no corpo dos comentários que, certamente, permanecem no cenário da circulação sem vestígios, a espera, de que leituras cuidadosas deles se ocupem.

Bibliografia

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BATESON, Gregory. La nature et la pensée. Paris: Seuil, 1979.

BOUTAUD, Jean Jacques; VERON, Eliseo. Semiotique Ouvertes. Itinéraires sémiotiques em communication. Paris: Hachette, 2007.

BRANCO, Marcelo. A internet veio para bagunçar o coreto do intermediário

(Entrevista, *Jornalismo B.* p.4 e 5). Porto Alegre, Novembro, 2014.

CERTEAU, Michel de. *Croire: uma pratique de la difference*. Paper. Documents du travail. n.106. Serie A. Italia, Urbino, 1981

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAUSTO NETO, Antonio. *Fragmentos de uma analítica da Mídia*. Matrizes, n. 2. São Paulo: USP, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. AD. *Rumos de uma nova analítica*. In: FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, Giovandro M; SAMPAIO, Adriano de O. *Mídia, discurso e sentido*. Salvador, EDUFBA, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. *Círio de Nazaré: celebrações, divergências, rupturas*. In: SEIXAS, Netilia S. A.; COSTA, Alada C. COSTA, Luciana M. (orgs). *Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia*. Belém: FADESP, 2013.

LE GOFF, Jacques. *Fazer História*. São Paulo: Bertrand, 1974.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Olhar, escutar, escrever*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MATURAMA, Humberto. *A Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Editora da UNB, 2013.

MOUILLAUD, Maurice. *Le Discours et ses Doubles*. Semiotique et politique. Lyon: Pul, 2014.

PROULX, Serge; BÉLANGER, Danielle. *La réception des messages*. In: GINGRAS, AnneMarie (org). *La communication politique: état des savoirs, enjeux et perspectives*, Québec, Presses de l'université du Québec. p.215-255.

TRAVERSA, Oscar. *Inflexiones del discurso. Cambios y Rupturas en las Trayectorias del Sentido*. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor/SEMA, 2014.

VERÓN, Eliseo. “Entre Peirce y Bateson: cier ta idea del sentido”. In: Winkin, Ives. Colloque Bateson. Barcelona: Herder, 1991.

VERÓN, Eliseo. Los públicos entre producción y recepción: problemas para una teoría del reconocimiento. In: Cursos da Arrabiada, Públicos, Televisão, 27 a 31 de agosto de 2001.

VERON, Eliseo. Papeles en el tiempo. Buenos Aires: Paidós, 2011.

VERON, Eliseo. La semiosis social, 2: Ideas, Momentos, Interpretantes. Buenos Aires: Paidós: 2013.